



O PENSAMENTO LIMINAR E A *TENSIONALIDADE PRETEXTUAL* NO HORIZONTE
DA LITERATURA COMPARADA
*THE LIMINAL THOUGHT AND PRETEXTUAL TENSIONALITY ON THE HORIZON OF
COMPARATIVE LITERATURE*

[10.29073/naus.v6i1.851](https://doi.org/10.29073/naus.v6i1.851)

RECEÇÃO: 8 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 15 de dezembro 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Geraldo Cáffaro , Unimontes, Brasil, gmcaffaro@yahoo.com.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão da noção de liminaridade a partir da perspectiva de diferentes expressões do pensamento no campo da teoria literária e da literatura comparada. Em especial, a discussão se atém aos seguintes conceitos: o *entre-lugar* de Silviano Santiago, o *hibridismo* de Néstor García Canclini, o *hibridismo selvagem* de Alberto Moreiras, o *além* de Homi K. Bhabha e a *gnose liminar* de Walter D. Mignolo. A avaliação das especificidades e limites de tais conceito abre caminho para a proposição do conceito de *tensionalidade pretextual* entendido como dispositivo crítico para a leitura de prefácios autográficos. Por sua vez, o conceito de *tensionalidade pretextual* permite esboçar um projeto de leitura dos prefácios de Nathaniel Hawthorne, Henry James e Charles Dickens, o que amplia o escopo de compreensão sobre o limiar e suscita reflexões de interesse para o comparatismo e para a análise das fronteiras textuais e genéricas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Pensamento Liminar; Prefácio Autográfico; *Tensionalidade Pretextual*.

ABSTRACT

This paper presents a discussion of the notion of liminality from the perspective of different expressions of thought in the fields of theory and comparative literature. Chiefly, the discussion is centered on the following concepts: Silviano Santiago's *the space in-between*, Nerstor García Canclini's *hybridity*, Alberto Moreira's *radical hybridity*, Homi Bhabha's *beyond*, and Walter D. Mignolo's *liminar gnosis*. The evaluation of the specificities and limitations of these concepts paves the way for the proposition of the concept of *pretextual tensionality*, understood as a critical tool for reading autographic prefaces. In turn, the concept of *pretextual tensionality* helps sketch out a project of analysis of the prefaces of Nathaniel Hawthorne, Henry James, and Charles Dickens, which broadens the scope of comprehension regarding the *liminal* and invites reflections of interest to comparatism and to the analysis of textual and generic boundaries.

KEYWORDS: Autographic Preface; Comparative Literature; Liminal Thought; *Pretextual Tensionality*.



1. INTRODUÇÃO: O PENSAMENTO LIMINAR E A TENSIONALIDADE PRETEXTUAL

O pensamento liminar¹ tem ocupado lugar de destaque dentro dos estudos em Literatura Comparada. Tal pensamento emerge, entre outras coisas, em resposta ao descentramento dos discursos e à flexibilização das fronteiras epistêmicas promovida pelas teorias pós-estruturalistas. A liminaridade assume, nesse contexto, características distintas de acordo com a teoria ou conceito utilizado para explicá-la, mas as questões da identidade cultural e da localidade mantêm-se presentes. Não obstante a relevância indiscutível de tais questões, pensar o limiar a partir de um ponto de vista textual pode significar uma abertura para gêneros comumente vistos como subsidiários ou derivados, como o prefácio. Por outro lado, ao comparar prefácios de autores de diferentes campos literários deparamo-nos com a inelutável situação intervalar do nosso *locus* de enunciação em relação ao objeto de estudo. Assim, uma perspectiva dupla que contemple tanto o limiar textual quanto a diferença cultural oferece a possibilidade de ao mesmo tempo repensar conceitos críticos do pensamento liminar e contribuir para uma visão do pesquisador latino-americano como produtor de conhecimento sobre literaturas do “centro”.

A discussão do pensamento liminar proposta aqui inclui os seguintes conceitos: o *entre-lugar* de Silviano Santiago, o *hibridismo* de Néstor García Canclini, o *hibridismo selvagem* de Alberto Moreiras, o *além* de Homi K. Bhabha, e a *gnose liminar* de Walter D. Mignolo. Após avaliar as especificidades e limites de tais conceitos, apresentarei o conceito de *tensionalidade pretextual* como dispositivo crítico para a leitura de prefácios. Como pretendo argumentar, a *tensionalidade pretextual* difere dos outros conceitos do pensamento liminar por não buscar nenhum tipo de confluência ou superação de categorias antagônicas ou conflitantes. Trata-se, na verdade, de uma abordagem da literatura como um campo de forças em que elementos como o escritor, o campo literário, o valor estético e a busca pelo reconhecimento junto ao público leitor, formam múltiplos pontos de tensão que o texto encena no limiar da obra. Por meio do conceito de *tensionalidade pretextual*, pretendo esboçar um projeto de leitura dos prefácios de Nathaniel Hawthorne, Henry James e Charles Dickens, e refletir sobre a relevância de tal projeto no horizonte da Literatura Comparada. Como o *corpus* escolhido é constituído exclusivamente por autores de língua inglesa, também será necessário pensar sobre as implicações de tal projeto tendo em vista a diferença cultural e o *locus* de enunciação, como já mencionei.

2. CONCEITOS CRÍTICOS DO PENSAMENTO LIMINAR

O substantivo “limiar” e o adjetivo derivado “liminar” encerram uma notável multiplicidade de sentidos, o que os tornam termos de grande potencial heurístico. O liminar pode indicar tanto início, passagem ou abertura, quanto limite, fronteira e lei (como em “medida liminar”).² Além disso, o liminar pode sugerir tanto uma relação espacial quanto temporal. Em todo caso, o liminar (em suas diversas versões) tem sido empregado para colocar dois elementos distintos em perspectiva: um aqui e um lá, um antes e um depois, um interior e um exterior, etc.

Uma das versões mais difundidas do pensamento liminar no Brasil é a noção de *entre-lugar* introduzida por Silviano Santiago. No texto *Apesar de dependente, universal* (1980), o autor retoma essa noção, originalmente apresentada em *Uma Literatura nos Trópicos* (1978), no intuito de descrever a “constituição” da inteligência do intelectual brasileiro e latino-americano: resultado da imposição da imagem do colonizador europeu e de uma “alteridade indígena recalcada” (p. 3). Do ponto de vista da produção de bens culturais, essa peculiar ambivalência do colonizado teria sido responsável pela assimilação e cópia de modelos europeus, sendo que esses últimos seriam sempre vistos como superiores dentro de uma leitura unidirecional e eurocêntrica baseada no paradigma fonte e influência. A

¹ Embora o termo “pensamento liminar” tenha sido usado de forma mais sistemática por Walter Mignolo em seu livro *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003), sigo a tendência de utilizá-lo de modo a incluir outras teorizações que abordam a diferença cultural e a questão das fronteiras/limites, sejam elas espaciais, temporais ou conceituais.

² Cf. definições para os verbetes em: Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva, p. 1758–9.



dependência cultural torna-se assim o fator distintivo da produção do colonizado. No entanto, Santiago identifica no modernismo brasileiro três movimentos capazes de subverter tal dependência, a saber, a antropofagia, a “traição da memória” e o “corte radical”. De acordo com o autor:

Em todos os três casos não se faz de conta que a dependência não existe, pelo contrário frisa-se a sua inevitabilidade; não se escamoteia a dívida para com as culturas dominantes, pelo contrário enfatiza-se a sua força coerciva; não se contenta com a visão gloriosa do autóctone e do negro, mas se busca a inserção diferencial deles na totalização universal. Ao mesmo tempo, não se deixa perder no limbo das elucubrações etnocêntricas a possível originalidade do produto criado. A hierarquização pelos critérios de “atraso” e de “originalidade” cai subitamente por terra, pois se subvertem esses valores. Subversão esta que não é um jogo gratuito de cunho nacionalista estreito, tipo integralismo dos anos 30, mas compreensão de que, apesar de se produzir uma obra culturalmente dependente, pode-se dar o salto por cima das imitações e das sínteses enciclopédicas etnocêntricas e contribuir com algo original. (p. 5).

Assim, esse modelo de liminaridade baseia-se em uma tomada de consciência da configuração histórica do autóctone-dominado e no potencial disruptivo que essa mesma configuração pode oferecer.

É interessante notar que Santiago considera a possibilidade de produção de “algo original” a partir da assimilação “traidora” da cultura dominante. Contudo, o próprio critério de originalidade é visto como um valor hierarquizante em relação ao discurso etnocêntrico. Sem um questionamento desse valor em todos os âmbitos, a subversão acaba se transformando em uma busca por equiparação com a “fonte”, o que reproduz o mesmo processo legitimador que Santiago parece querer combater.

Essa aparente contradição ilustra os impasses e limites do pensamento liminar, questão central à reflexão de Moreiras, como veremos adiante. Vale registrar que o grande mérito do *entre-lugar* de Santiago é seu reconhecimento de uma constituição híbrida da inteligência do colonizado, embora os elementos dos dois lados da fronteira — a cultura dominante e a cultura dominada — pareçam entidades rigidamente definidas ou essencializadas. O esforço de Santiago, no entanto, é claramente de caráter político, e pode ser entendido como uma reação a séculos de dominação cultural e econômica das nações européias nas Américas.

Enquanto o *entre-lugar* de Santiago identifica-se com o caráter de fronteira da liminaridade, o hibridismo de Néstor García Canclini tende à abertura. Sua definição no capítulo introdutório de *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*³ deixa claro essa tendência. Na verdade, Canclini se atém ao processo de hibridização em detrimento da categoria hibridismo, já que seu objetivo é relativizar a noção de identidade: “*Entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, existindo anteriormente de forma separada, são combinadas de modo a gerar novas estruturas, objetos ou práticas*” (p. xxv)⁴. É preciso ressaltar que o livro supracitado foi originalmente lançado em espanhol em 1989, e Canclini teve tempo suficiente para incorporar respostas às críticas feitas até a edição de 1995 que foi traduzida para o inglês.

Uma das críticas feitas ao conceito de Canclini em sua primeira edição era a de que o híbrido seria entendido como uma estrutura harmoniosa e coesa, onde não haveria tensão entre os elementos constituintes. Em sua introdução à edição de 1995, Canclini ajusta seu discurso a essa crítica, citando François Laplantine e Alex Nouss, de acordo com os quais no processo de hibridização “não há apenas ‘fusão, coesão, osmose, mas também confrontação e diálogo”

³ Citações do livro de Canclini serão traduções minhas da versão em inglês: *Hybrid Cultures: strategies for entering and leaving modernity* (University of Minnesota Press, 1995).

⁴ Em itálico no original. “*I understand for hybridization sociocultural processes in which discrete structures or practices, previously existing in separate form, are combined to generate new structures, objects, and practices*”.



(p. 32).⁵ Outra crítica que recebe atenção por parte de Canclini é a de que as chamadas “estruturas discretas” que entrariam em processo de hibridização seriam consideradas puras. Canclini reconhece então que tais estruturas também podem ser resultados de hibridizações anteriores, oferecendo uma visão mais flexível do híbrido. Nessa visão as diferenças não são simplesmente obliteradas e as categorias não são fixas, o que torna o conceito de Canclini uma ferramenta útil para se pensar diversos fenômenos numa perspectiva do liminar.

Ainda assim, Alberto Moreiras adverte contra o perigo da utilização do hibridismo cancliniano pelo discurso hegemônico, especialmente pela política neoliberal. Tal hibridismo poderia mascarar as desigualdades e a desintegração sob os rótulos carismáticos da diversidade e diferença (2001, p. 314). Após argumentar que qualquer tentativa de combate ao discurso hegemônico acaba sendo absorvida pela própria ideologia que governa tal discurso, Moreiras apresenta sua própria versão de hibridismo, o *hibridismo selvagem*. Tal hibridismo é ao mesmo tempo crítico do discurso hegemônico e dos particularismos. Trata-se de um pensamento que quer ir além de qualquer fechamento ou reificação em torno de posições bem definidas, ou ontologias, como o autor as define. Por outro lado, o *hibridismo selvagem* reconhece a impossibilidade desse além; nas palavras do autor:

Nos termos de nossa discussão, a incapacidade da noção cultural de hibridismo de alcançar um fechamento lógico, isto é, a incapacidade do híbrido de se apresentar como uma ordem estável de subjetivação, cria a possibilidade de um conceito crítico de híbrido como objetivo teleológico do pensamento em sua tentativa de capturar a totalidade social. Se o híbrido é um abismo em que a imaginação teme perder-se, esse abismo pode ser transformado no local “apropriado” de uma política subalternista. O hibridismo selvagem é o campo da universalidade ideal de Balibar e do minimalismo transcendente de Walzer. É o lugar (im)possível ou não-lugar articulatório da articulação dupla subalternista. (p. 349)

Aqui testemunhamos um pensamento liminar que é ao mesmo tempo abertura, fronteira, horizonte e limite. Entretanto, os elementos postos em relação ainda configuram uma polaridade (política hegemônica/política subalternista), o que de certa forma — e inesperadamente — aproxima Moreiras e Santiago.

O mesmo horizonte aporético revelado pelo além de Moreiras surge no pensamento de Homi K. Bhabha em sua introdução ao livro *O local da cultura* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998). Antes de analisarmos como isso ocorre, vale a pena notar que a ideia de *além* a ser discutida aqui não deve ser vista como um conceito propriamente dito. Contudo, o tratamento que Bhabha confere ao termo apresenta grande relevância como reflexão sobre a liminaridade. O autor inicia o texto supracitado, intitulado *Vidas na fronteira: a arte do presente*, com a constatação de que o “além” define a condição do indivíduo no fim do século 20. Esse além, no entanto, “[...] não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado...” (p. 19). Como o autor comenta logo a seguir: “[...] encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (p. 19). Tais figuras constituiriam, na visão de Bhabha, instâncias privilegiadas de subjetivação articuladas em oposição aos discursos dominantes.

De forma análoga a Moreiras, Bhabha vê tais instâncias de subjetivação inseridas em estruturas de poder que as alimentam. A ruptura com essas estruturas só pode ser concebida como uma (im)possibilidade que escorra para o além. Contudo, tal (im)possibilidade é potencializada pelo resgate do passado, que imprime a descontinuidade no contínuo da história, desmontando a aparente naturalidade do poder e dando voz às minorias excluídas dos projetos totalizantes, como o da nação. Se por um lado a versão de liminaridade de Bhabha carrega muito das outras discutidas aqui, sua inovação diz respeito à ênfase dada por ele ao aspecto temporal como operador de diferenças e disjunções nos discursos identitários.

⁵ “there is not only ‘fusion, cohesion, osmosis, but confrontation and dialogue”.



Mais preocupado com a desigualdade na geopolítica do conhecimento, Walter D. Mignolo apresenta reflexões sobre a liminaridade que focalizam a emergência de novos *loci* de enunciação vindo das margens. Esses novos *loci* de enunciação produzem o que ele chama de *pensamento liminar* ou *gnose liminar*, ou “[...] uma nova modalidade epistemológica na interseção da tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas sob o ocidentalismo [...]” (2003, p. 137). Esse pensamento busca combater o privilégio epistemológico dos discursos eurocêntricos ao articular sua própria subalternidade. Porém, tal esforço quer superar a subalternidade, promovendo a descolonização das mentalidades, e conseqüentemente, a descolonização política e econômica.

Para Mignolo, a América Latina não deve mais ser vista como mero objeto de estudo para as academias do norte, como acontecia nos estudos de área. A América Latina surge assim como centro de produção de conhecimento com autonomia para realizar intervenções teóricas dentro do espaço mundial de saberes. Essa mudança de paradigma é de suma importância para nós, pesquisadores latino-americanos, e tem relevância especial para um projeto como o que pretendo discutir adiante.

Gnose liminar, entre-lugar, além, e hibridismo selvagem partem de uma subalternidade em conflito com estruturas de poder hegemônicas. De forma geral, almejam-se formas de inscrever a diferença colonial sem abrir mão do legado deixado pelas metrópoles. O *entre-lugar* usa como palco de embate a relação entre as literaturas do “centro” e das “margens”. Já a *gnose liminar* questiona a primazia do lugar teórico das academias do norte, chamando atenção para o subalterno como detentor de saberes e produtor de conhecimento. *Entre-lugar* e *gnose liminar* distinguem-se do *além* e do *hibridismo selvagem* por descreverem situações reais em andamento nos países subalternos. Embora esses dois últimos conceitos apontem para a necessidade de se romper com desigualdades naturalizadas, eles parecem mais atentos à (im)possibilidade de tal empreitada e aos impasses que ela gera.

Com exceção talvez de Canclini, a experiência de liminaridade que tais conceitos articulam está indissolúvelmente circunscrita ao plano político. Sem querer assumir uma postura apolítica, deslocar a ideia de liminaridade (suspendendo o político temporariamente) para o contexto do que Pierre Bourdieu chamou de “a ciência das obras” (2005, p. 203) pode representar um movimento teórico de relevância para os estudos em Literatura Comparada.

3. O PREFÁCIO E A TENSIONALIDADE PRETEXTUAL

Deslocar o pensamento liminar das discussões em torno da diferença cultural para o estudo da obra literária soa como um movimento de contração, um retorno ao chão insípido da prática após uma temporada nas regiões iluminadas do céu da teoria. De fato, o escopo da discussão se estreita ao realizarmos tal deslocamento, mas não se trata de uma simples passagem da teoria para a prática. Ao discutir um projeto de leituras, o esforço teórico ainda se fará presente, e meu objetivo será esboçar um conceito que possa dar suporte à abordagem da obra literária a partir da ideia do limiar. Antes de explicitar esse conceito, que já identifiquei por *tensionalidade pretextual*, gostaria de propor uma incursão rumo a esse limiar textual chamado prefácio.

O prefácio faz parte dos dispositivos discursivos que Gérard Genette classificou como paratexto, ou seja, produções que acompanham o texto literário e que ao mesmo tempo o “apresentam” e o “tornam presentes” (1997, p. 2).⁶ Em seu estudo sobre o paratexto, Genette já apresentara a ideia de que o paratexto se situa em uma zona de indecibilidade “entre o dentro e o fora, ele mesmo sem limites rígidos, tanto em direção ao interior (texto) ou ao exterior (o discurso do mundo sobre o texto) (p. 2). Outros autores assinalam a mesma característica ao falar desses dispositivos, ainda que utilizem termos diferentes para se referir a eles. É o caso de Antoine Compagnon, que examinou o paratexto de Genette sob o nome de perigrafia: “[...] zona intermediária entre o fora do texto e o texto”

⁶ Citações de Genette são traduções minhas da versão em inglês de seu livro *Seuils (Paratexts: thresholds of interpretation) (literature, culture, theory)*. Cambridge University Press, 1997).



(1996, p. 105). No entanto, Compagnon se distingue de Genette ao descrever a perigrafia por meio de uma sugestiva metáfora espacial: o texto principal seria “uma cidade fortificada por Vauban” (1996, p. 104), um território com limites bem demarcados e em cuja periferia estariam os elementos que constituem a perigrafia (título, dedicatória, prefácio, etc.).

A evocação arquitetônica de Compagnon suscita as seguintes questões: contra que tipo de invasão essa cidade se protege? E, se o autor é o centro dessa cidade, por que ele fala a partir da periferia? Uma pista para responder a primeira pergunta nos é dada pelo próprio Compagnon. A cidade fortificada do texto literário seria fruto do processo de especialização que a literatura sofreu a partir do século XVI. A proteção nesse caso seria contra a contaminação do mundo externo, que seria relegada às margens da obra. Uma vez que a “obra” deve apagar as marcas de sua autoria, essa também deve ser deslocada do centro, embora não descartada totalmente. Aí já podemos ver alguns indícios da *tensionalidade*.

No século XIX surgem mais conflitos a serem resolvidos nas margens da obra. O escritor passa a ter que assumir posições estéticas e estilo próprio para se distinguir num mercado cada vez mais autônomo e competitivo. Além disso, ele precisa estabelecer contato com o leitor, que se torna peça crucial dentro das ambições por reconhecimento. Assim, o prefácio passa a ser o ponto de convergência de diversas forças que se mantêm em tensão, tensão que se dá em diversos níveis, desde os papéis assumidos (*merchant*, artista, mestre de cerimônias), passando pelas relações com o leitor (ora figurado como amigo íntimo, ora como abstração fugidia), e chegando até a fronteira propriamente dita (o prefácio como moldura, o prefácio como parte integrante da obra, a depreciação do prefácio ou a sua afirmação).

Como o autor encontra-se deslocado, e o prefácio é também um texto deslocado temporalmente (por se colocar antes do texto quando seu momento de escrita é posterior a ele), é possível analisar essas situações de “tensão” como *tensionalidades pretextuais*. Tomo o termo *tensionalidade* emprestado da psicanálise, onde ele indica uma relação de articulação e disjunção entre corpo somático e psiquismo, uma fronteira que nunca se apaga, mas que não polariza seus campos de forma dicotômica ou estanque (LIONÇO, 2008, p. 118). Tal termo parece explicar de forma menos determinista os diversos tipos de negociações e conflitos que ocorrem nesse interstício entre o fora e o dentro da obra. Além disso, tal conceito abriga a própria possibilidade de indecidibilidade entre esse fora e dentro. Como contribuição ao pensamento liminar, a *tensionalidade pretextual* seria geradora de múltiplos pontos de contato, colocando em cena diversas situações de liminaridade além da simples fronteira fortificada do texto.

As experiências de liminaridade que tal conceito pode articular convocam diversos campos do conhecimento e referenciais metodológicos. Entre eles, merecem menção a sociologia literária, a história literária, a história das idéias, e a teoria desconstrucionista de Derrida. A sociologia literária fornece vários conceitos que podem nos auxiliar a entender as “relações objetivas” das quais participam escritores e que dão origem às crenças implícitas na composição da obra. Entre esses conceitos estão a *tomada de posição*, o *habitus*, as *disposições*, a *illusio*, entre outros.⁷ Já a desconstrução vem auxiliar na relativização de posições fixas, e a *tensionalidade pretextual* deve dialogar com o conceito de indecidibilidade desenvolvido por Derrida em *Gramatologia* (1973) e *Dissemination* (1981).

Assim, a *tensionalidade* pode ser vista como uma teoria itinerante como define Reinaldo M. Marques:

[...] uma teoria itinerante pode constituir-se num instrumento de desconstrução e enfrentamento tanto do pensamento binário, com sua lógica de polarização e exclusão das identidades orgânicas e essencialistas. É uma teoria articulada a partir dos interstícios culturais, dos intervalos disciplinares, das situações de limiares, do trânsito entre diferentes saberes. Permite levar em conta a situação atual de crise de

⁷ Cf. Bourdieu, P. (1981). *As Regras da Arte* (B. Johnson, Trad.). Chicago University Press.



paradigmas epistemológicos, da emergência de novos sujeitos de conhecimento, em condições diaspóricas, de trânsito entre fronteiras nacionais e culturais. (p. 53)

A formulação de Marques afina-se tanto com o conceito apresentado, quanto com um projeto de análise de prefácios de autores de expressão inglesa, já que meu lugar de enunciação pode permitir um olhar “ex-cêntrico” em relação a literaturas do “centro” por um viés que não celebra o cânone, mas coloca o próprio fenômeno literário em questionamento.

4. OS PREFÁCIOS DE HAWTHORNE, JAMES E DICKENS, E O COMPARATISMO

O conceito de *tensionalidade pretextual* apresentado na última seção não prevê uma aplicabilidade irrestrita a qualquer leitura de prefácios. Ele surge, na verdade, da necessidade de explicar eventos em um recorte histórico e genérico específico. Ainda assim, tal conceito pode ganhar um alcance mais geral, construindo um liame entre escritores de diferentes campos literários, mas que usaram o mesmo *medium* para veicular suas ansiedades relativas à consagração literária. A partir desse eixo teórico, as particularidades inerentes a cada um dos escritores e textos podem ser discutidas e comparadas. A comparação configura-se então como um importante instrumento de trabalho que vem matizar o esforço universalizante da empreitada teórica. Sobre o comparatismo, Tânia Franco Carvalhal nos apresenta uma reflexão de grande relevância que transcrevo a seguir:

[...] a comparação não é um fim em si mesma, mas apenas um instrumento de trabalho, um recurso para colocar em relação, uma forma de ver mais objetivamente pelo contraste, pelo confronto de elementos não necessariamente similares e, por vezes mesmo díspares. Além disso, fica igualmente claro que comparar não é justapor ou sobrepor mas é, sobretudo, investigar, indagar, formular questões que nos digam não somente sobre os elementos em jogo (o literário, o artístico) mas sobre o que os ampara (o cultural, por extensão, o social). (1991, p. 11).

Esse raciocínio encontra-se em plena sintonia com o projeto de leituras dos prefácios de Hawthorne, James e Dickens.

Como observei acima, esse projeto faz um recorte histórico, elegendo o século XIX como um período diferenciado na história da literatura devido a importantes transformações materiais e econômicas que afetaram a cultura de forma geral. Embora os autores selecionados não sejam comumente aproximados (com exceção de Hawthorne e James), eles foram contemporâneos ou quase isso.⁸ O que é importante destacar é que os três autores deram atenção especial ao prefácio, algo que fica claro se observarmos a frequência com que esse dispositivo aparece e a extensão que ele alcança em alguns casos. Em linhas gerais, Nathaniel Hawthorne expressa em seus prefácios um desejo de ser reconhecido como indivíduo criador em um contexto onde a coletividade se sobreponha a aspirações autorais. Henry James, por outro lado (em uma situação de maior autonomia no campo literário) utiliza o prefácio como forma de oferecer ao leitor acesso à gênese da escrita, ao mesmo tempo em que demonstra para esse leitor todo o seu arcabouço técnico e estilístico. Finalmente, Charles Dickens resgata a *persona* de mestre de cerimônias, um papel ambíguo entre homem e performer, e que discute questões literárias e extraliterárias, como as pressões que a serialização impunha a seu trabalho. Aqui vemos a importância de se considerar a localidade como fator de influência nos discursos: a austera sociedade puritana da Nova Inglaterra de Hawthorne, a situação intervalar de Henry James (entre os Estados Unidos e a Inglaterra), e as peculiaridades do contexto vitoriano de Dickens.

Vejam os dois exemplos de como a *tensionalidade pretextual* pode nos ajudar a ler os textos de tais autores.⁹ Em um prefácio um tanto incomum, já que antecede um conto (*Rappacini's Daughter*), Hawthorne escreve em terceira pessoa sobre M. de l'Aubépine, um escritor fictício que teria escrito o referido conto. Mas o deslocamento fictício

⁸ Hawthorne (1804–1864), Dickens (1812–1870) e James (1843–1916).

⁹ Como se trata de exemplificar um projeto de leituras a ser realizado no futuro, optei por me ater apenas a Hawthorne e Dickens.



para esse outro escritor acaba se mostrando um disfarce por meio do qual Hawthorne pode falar de si mesmo à distância, manifestando sua frustração diante da impopularidade de suas obras e descrevendo sua posição no campo literário da Nova Inglaterra:

Não nos lembramos de ter visto qualquer amostra traduzida das produções de M. de l'Aubépine; um fato que não surpreende, pois seu próprio nome é ignorado por muitos de seus próprios conterrâneos, bem como por estudantes de literatura estrangeira. Como escritor, ele ocupa a posição ingrata entre os Transcendentalistas (que, sob um nome ou outro têm sua parcela de influência em toda a literatura contemporânea mundial), e o volumoso corpo de homens de letras que tocam o intelecto e simpatias da multidão. (1982, p. 975)¹⁰

Em primeiro lugar, esse trecho mostra *tensionalidade* entre os planos do real e do fictício. Temos certeza que o referente da descrição é o próprio autor não só porque esse é um prefácio que antecede o seu texto, mas pela listagem que ele realiza, ao final do prefácio, de todas as suas publicações com títulos em francês. Em segundo lugar, o trecho citado evidencia uma preocupação do autor em fixar uma posição no campo literário, que nesse caso é a de um entre-lugar entre duas posições distintas: os Transcendentalistas (entre os quais estava Henry David Thoreau, amigo de Hawthorne), que produziam uma literatura conceitual inspirada na filosofia idealista, e os escritores que estavam engajados com uma literatura mais popular. Esse trecho também mostra *tensionalidade* entre o desejo de ter reconhecimento local “por seus próprios conterrâneos” e uma ambição mais universal expressa pela idéia de literatura mundial. Por último, é notável que Hawthorne tenha feito o deslocamento para a França, na época o centro da cultura européia. Em diálogo com Compagnon, poderíamos inclusive interpretar esse prefácio como uma periferia textual que encerra uma outra periferia: a dos Estados Unidos em relação à república mundial das letras naquele momento. Isso faz sentido, especialmente se lembrarmos que o “centro”, ou seja o conto Rappaccini's Daughter, é uma estória que se passa na Europa. Assim, esse prefácio articula limiares que vão desde as relações entre vozes e identidades autorais, até as relações entre literatura local e global. Aqui talvez pudéssemos falar de hibridismo genérico em relação ao prefácio, mas essa seria uma descrição de cunho meramente formal, e não explicaria as complexas negociações que a *tensionalidade pretextual* possibilita.

A *tensionalidade* entre real e fictício também aparece em Dickens. Um interessante momento em que isso pode ser observado vem de um dos números de *Pickwick Papers* (1837), onde o “Autor” se dirige ao público em “Nota aos Leitores” “para dizer algumas palavras por si mesmo” (apud Stevens, 1968, p. 391). Nessa nota, Dickens promete ao público que novos números do romance seriam publicados em outros dez meses, e termina dizendo:

Com essa breve fala, o mestre de cerimônias de Pickwick faz sua mais grata reverência, acrescentando, em seu nome e no dos editores, o que o eminente Sr. John Richardson, de Horsemonger Lane, Southwark, e a Yellow Caravan com o Brass Knocker, sempre diziam no fim de cada apresentação: — “Senhores e senhoras, por essas demonstrações de aprovação, gostaríamos de retribuir com gratidão sincera; e permita-nos anunciar que retornaremos continuamente até o fim da feira”. (apud Stevens, p. 391–2) (apud Stevens, p. 391–2).

A *persona* assumida nesse caso é a do mestre de cerimônias, e o cenário da apresentação uma feira. Essa metáfora teatral rompe com a promessa de um discurso confessional e “verídico” e insere o leitor no universo ficcional da

¹⁰ Minha tradução. “We do not remember to have seen any translated specimens of the productions of M. de l'Aubépine; a fact the less to be wondered at, as his very name is unknown to many of his own countrymen, as well as to the student of foreign literature. As a writer, he seems to occupy an unfortunate position between the Transcendentalists (who, under one name or another, have their share in all the current literature of the world), and the great body of pen-and-ink men who address the intellect and sympathies of the multitude”.



obra. Dickens ao mesmo tempo domestica e entretém o seu leitor nesse limiar textual. A *tensionalidade* opera aqui justamente na oscilação das vozes do autor, que começa por tentar inscrever sua identidade de escritor no texto, respondendo a uma demanda por sinceridade e realismo, mas que termina construindo uma cenografia em que o escritor é substituído por uma *persona* textual, já prefigurando o desaparecimento do autor na obra.

Essas situações de liminaridade possuem desdobramentos que ultrapassam o escopo desse trabalho. Diversas outras situações ainda estão para ser examinadas e comparadas. Acredito que a proposta esboçada acima tenha relevância para a Literatura Comparada hoje na medida em que procura estabelecer relações entre diferentes literaturas nacionais sem construir hierarquias ou fixar direções de causalidade entre elas. Ainda assim, como vimos, é possível que a diferença cultural venha fazer parte do horizonte interpretativo por força dos próprios textos estudados. Naturalmente, existe uma exterioridade que deve ser levada em consideração nesse olhar brasileiro sobre as literaturas americana e inglesa. Talvez esse olhar e a produção discursiva que ele viabilizará sejam um exemplo da razão subalterna que Mignolo descreveu. Esse é de fato um pensamento *sobre* as fronteiras, embora o ponto de partida seja textual. Não é meu objetivo, no entanto, realizar com esse pensamento uma “inversão da dialética senhor/escravo” como propõe Mignolo (p. 159). O estudo de obras vindas das culturas ditas dominantes pode assumir outras formas que vão além da celebração do cânone ou inversão de relações de poder. Uma dessas formas é engajar em diálogo sobre e com essas culturas por diferentes perspectivas, enquanto nos colocamos como sujeitos produtores de conhecimento. Não ignoramos a diferença, mas não fazemos dela um a priori para o diálogo.

5. CONCLUSÃO

A *tensionalidade pretextual* é um conceito provisório, um tanto amorfo e de emprego restrito. Por isso mesmo, ele apresenta uma flexibilidade capaz de orientar leituras de textos tão complexos quanto os prefácios. Sua contribuição para o pensamento liminar e para a Literatura Comparada é modesta. Ainda assim ele apresenta algumas vantagens: ele busca articular diversas experiências de liminaridade a partir do limiar textual, e não polariza seus campos de forma fixa ou hierarquizada. Por meio da *tensionalidade textual*, pares como o real e o fictício, o dentro e o fora, o mundo e o texto, e sujeito empírico e sujeito ficcional são perspectivizados, mas não há fusão ou apagamento de um elemento ou outro. Como pares dialéticos, um elemento se constrói em relação ao outro, característica compartilhada pelos outros conceitos do pensamento liminar discutidos.

Enquanto a maior parte das teorizações do pensamento liminar ressalta a diferença cultural e insiste no embate entre hegemonia e subalternidade, a *tensionalidade* pode ou não viabilizar tais leituras. Não quero, no entanto, promover esse conceito como substituto ou como resposta direta a qualquer um dos outros conceitos do pensamento liminar. Esses, por sinal, devem manter-se sempre no horizonte de leituras que abordam as fronteiras de um mundo marcado por diversas razões e temporalidades convivendo ao mesmo tempo. Identifico-me particularmente com a *gnose liminar* de Mignolo, por compreender que existem privilégios epistemológicos que devem ser combatidos; acredito, porém, que esse combate deva acontecer (também) por meio do diálogo com esses lugares privilegiados, um diálogo de via dupla em que ambos os lados serão produtores de saberes a respeito dos bens culturais vindos de um lado ou de outro. Dessa forma, os privilégios passam para o segundo plano, e o pesquisador das margens ganha credibilidade como sujeito teórico.

Como uma teoria itinerante, a *tensionalidade pretextual* está aberta à interdisciplinaridade, e o projeto específico de leituras de prefácios que apresentei ilustra bem essa tendência. Tal projeto nos convida a transitar por diversas áreas, entre as quais se destacam a sociologia literária de Bourdieu e a teoria desconstrucionista de Derrida. Essas perspectivas teóricas nos permitem questionar procedimentos de leituras imanentistas e abordagens celebratórias da obra literária. O próprio conceito de obra como corpo fechado entra aqui em questionamento tendo em vista que a parafernália paratextual pode se impor como um discurso necessário e muitas vezes complementar à obra.



Resta refinar as leituras dos autores selecionados, não negligenciando outros que porventura venham a ter relevância para a pesquisa. Com o auxílio da ferramenta comparatista, e usando a *tensionalidade* como chave de leitura, pode-se almejar um equilíbrio entre o particular e o universal, mesmo que esse equilíbrio seja concebido como o lugar instável e indecível da *tensionalidade*.

REFERÊNCIAS

- Bhabha, H. K. (1998). *O local da cultura* (M. Ávila, E. L. de L. Reis e G. R. Gonçalves, Trad.). Editora UFMG.
- Bourdieu, P. (1981). *As Regras da Arte* (B. Johnson, Trad.). Chicago University Press.
- Canclini, N. G. (1995). *Hybrid Cultures: strategies for entering and leaving modernity*. University of Minnesota Press.
- Carvalho, T. F. (s.d.). Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, (1), p. 9–21.
- Compagnon, A. (1996). A Perigrafia. In *O trabalho da citação* (C. P. B. Mourão, Trad.). Editora UFMG.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia* (M. Schnaiderman e R. J. Ribeiro, Trad.). Perspectiva.
- Derrida, J. (1981). *Dissemination* (B. Johnson, Trad.). Chicago University Press.
- Genette, G. (1997). *Paratexts: thresholds of interpretation (literature, culture, theory)* (J. E. Lewin, Trad.). Cambridge University Press.
- Hawthorne, N. (1982). *Tales and Sketches*. The Library of America.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva.
- Lionço, T. (2008). Corpo somático e psiquismo na psicanálise: uma relação de tensionalidade. *Ágora*, 11(1), p. 117–136.
- Marques, R. (2001). O Comparatismo Literário: teorias itinerantes. In, P. S. N. dos Santos (Ed.). *Literatura Comparada: interfaces & transições*. Editora UFMS, p. 49–58.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. (S. R. de Oliveira, Trad.). Editora UFMG.
- Moreiras, A. (2001). Hibridismo e consciência dupla. In *A exatidão da diferença: paradigmas do latino americanismo*. Editora UFMG, p. 313–354.
- Santiago, S. (1980). *Apesar de dependente, universal. Vale quanto pesa*. Paz e Terra. <http://www.ufrgs.br/cdrom/santiago/santiago.pdf>
- Stevens, J. (1968). A note on Thackeray's "Manager of the Performance". *Nineteenth-Century Fiction*, 22(4), p. 391–97.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.